



## Tema 1

# DOSSIÊ

## “O MUNDO URBANO”

## REFERÊNCIA NO GUIA

“Um mundo urbano”, págs. 32-55

## COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

- ➔ Reconhecer na linguagem cartográfica e nos produtos do sensoriamento remoto formas indispensáveis para visualizar fenômenos naturais e humanos segundo localizações e lógicas geográficas.
- ➔ Descrever diferentes formas de organização do espaço geográfico contemporâneo, associadas à nova malha relacional resultante do uso das tecnologias avançadas.
- ➔ Analisar as desigualdades relativas ao conhecimento técnico e tecnológico produzido pelas diversas sociedades em diferentes circunstâncias histórico-geográficas.
- ➔ Analisar criticamente situações-problema representativas da aceleração do processo de humanização do meio natural, resultantes da relação contemporânea das sociedades com a natureza.
- ➔ Identificar quantitativa e qualitativamente os ritmos do processo de urbanização no mundo, com destaque para o processo de metropolização.
- ➔ Analisar a geografia das redes mundiais e das cidades globais, na aceleração dos fluxos econômicos materiais e imateriais.

NÚMERO DE AULAS PREVISTAS: 5

## SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

As situações de aprendizagem propostas objetivam produzir uma reflexão mais crítica e abrangente sobre o fenômeno da urbanização. Visamos a desmitificar certas associações simplistas, típicas do senso comum, como aquelas que vinculam automaticamente urbanização e desenvolvimento social ou urbanização ao mundo desenvolvido, e afirmam que os países em desenvolvimento são majoritariamente rurais. O texto do *Guia do Estudante – Atualidades Vestibular N° 10* permite construir um olhar mais amplo e uma análise mais profunda sobre o fenômeno “urbanização”.

## ETAPA 1 | Análise de ilustração

Com base na **foto de satélite presente nas páginas 34-35**, propomos as seguintes questões para discussão com os alunos em sala de aula.

## QUESTÃO 1

Localize na foto a área correspondente aos Estados Unidos e analise a concentração urbana nesse país.

Após localizar o território norte-americano, indique os pontos de maior concentração urbana por meio dos pontos luminosos. O aluno

deverá perceber uma maior concentração urbana na costa leste do país. Lembre que essa região corresponde às 13 colônias britânicas; portanto, sua ocupação é mais antiga (séculos XVII e XVIII) que a da região centro-oeste, conquistada e ocupada a partir do século XIX. Em parte do centro-oeste dos EUA encontram-se extensas áreas sem grande intensidade luminosa: são regiões rurais ou áreas desérticas.

Nessa porção do território, nas proximidades do litoral, ocupado na segunda metade do século XX, é possível detectar as áreas de concentração urbana resultantes do estabelecimento dos tecnopolos, reconhecidos como o segundo *manufacturing belt* (cinturão de manufaturamento) dos EUA.

Lembre aos alunos que na costa leste há duas importantes metrópoles, Boston e Washington (esta a capital federal), ligando um eixo de urbanização intensa (conurbação) conhecido pela abreviação *Bos-Wash* ou *Chipitts*. Dentro desse eixo ficam as cidades de Pittisburgh e Detroit e as megacidades de Chicago e Nova York. Nesses grandes eixos urbanos concentram-se 28% da população total dos EUA.

Já na costa oeste se destaca o eixo de conurbação conhecido por San-San (de San Diego, ao sul, até São Francisco, ao norte, passando pela megacidade de Los Angeles). É relevante ressaltar aqui que, mesmo num país de desenvolvimento econômico maduro, como os EUA, há diferenças regionais importantes. Ainda que a maioria da população more em cidades, há um setor rural de considerável peso na economia.

**População urbana e rural do mundo**

● Rural  
● Urbana

**A MAIORIA VIVE NO CAMPO**

De todos os países, apenas 10% vivem em áreas urbanas.

**A MAIORIA É URBANA**

De todos os países, 80% vive em uma cidade.

**CIDADES COM MAIS DE 1 MILHÃO DE HABITANTES**

340 países possuem esse desenvolvimento  
91 países desenvolvidos em 2007

**EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO MUNDIAL**  
(em bilhões de pessoas)

● Real  
● Projeção

**ZONAS URBANAS**

Uma foto de satélite do Rio de Janeiro mostra como se tornou uma ilha de urbanização mundial. A grande área de asfalto está no topo, um continente verde aqui. As áreas urbanas são muito entrelaçadas - como os dedos da mão, e a água e as florestas são muito abundantes. Isso cria um padrão mundial que crescerá um pouco (linha amarela), até chegar a 8 bilhões em 2025, mas a população mundial diminuirá a partir de 2025.

**Atravão constante**

As cidades atraem as pessoas por oferecer mais oportunidades de trabalho e estudo, saúde e conforto. Por isso mesmo, a migração para as cidades que faz a taxa percentual média de crescimento populacional nas cidades ser maior que as taxas de áreas rurais. Nos países muito pobres e também nos de um desenvolvimento a baixa velocidade, a agricultura para sustentar as famílias no campo, a agropecuária baseada em grandes propriedades para exportação e a mecanização da produção no campo, entre outros fatores, levam ao êxodo rural, uma fuga constante e acidental dos moradores rurais para as cidades, em busca de novos meios de vida. Pode-se dizer que, nos países pobres, as pessoas estão se movendo nas cidades. Em 1980, somente dez países em todo o mundo tinham esse índice. Apenas 30 anos depois, isso aumentou para 120%, e continuará a crescer até alcançar dois terços, ou 6 bilhões de pessoas, em 2007, destaca o ONU, em relatório sobre o assunto.

O crescimento da importância das cidades levou a ONU a realizar, em 1976, uma conferência sobre o tema, chamada Habitat I, e a criar uma agência para cuidar dessa área. Em 1996 é realizada o Habitat II, que aprova uma convenção (documento) com diretrizes sobre o tema aplicada e assinada por 171 países.

Em 2002, uma agência passa a ser maior poder, sob o nome de Organização do Programa das Nações Unidas para Assentamentos Urbanos (UN Habitat). Nesse programa, os países participantes obrigam a construção, em nível municipal, dos planos de diretrizes em problemas urbanos e

**Beços de civilizações**

O ser humano sempre viveu de forma agrícola, e a cidade é a máxima expressão dessa vocação para viver em sociedade. A primeira cidade vem do litoral chinês, de qual derivam as palavras civil, cidadão e cidade na língua portuguesa. Outras palavras em latim, também para cidade, é urbs ou urbis, da qual derivamos as palavras urbano e urbanização.

**Antiguidade**

Todas as civilizações antigas construíram cidades importantes para abrigar seu poder, riqueza e cultura e impulsionar os programas com suas ideias. Conhecidas como cidades-estado, elas centralizavam o poder administrativo e econômico de uma região a um império. Da Antiguidade, pode-se destacar Ur (tubo-esculpi) e Babilônia (dos celtas).

**R Agenda Habitat**

A convenção da ONU para as cidades chama-se Agenda Habitat e reúne 190 compromissos e 600 recomendações. O documento tem como base precaver sempre o que está definido nos seguintes acordos:

- Declaração Universal dos Direitos Humanos
- Convenção Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais
- Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial
- Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher
- Convenção dos Direitos da Criança

A UN Habitat estabeleceu três metas prioritárias as quais os participantes estão tentando cumprir, dentro da Agenda de Metas do Milênio da ONU, nesta ordem:

**PRIMEIRA META**  
Objetivo 11 de Milênio - Melhorar a vida de pelo menos 100 milhões de habitantes até 2020.

**SEGUNDA META**  
Objetivo 7 de Milênio - Deter a propagação do HIV/AIDS e reverter a tendência de contaminação até 2015.

**TERCEIRA META**  
Objetivo 10 de Milênio - Reduzir pela metade a parcela da população mundial sem acesso permanente à água limpa.

**QUESTÃO 2**  
Localize na foto a América Latina e analise a concentração urbana nesse continente.

Ao localizar a América Latina, espera-se que o aluno perceba a concentração urbana em regiões próximas ao litoral, tanto do oceano Atlântico como do Pacífico. A partir dessa constatação, compare a distribuição populacional da América Latina com a do continente europeu, ou mesmo com a dos EUA. O aluno deverá notar que há maior concentração populacional na América Latina, enquanto a população é mais distribuída em regiões de maior desenvolvimento, como Europa e EUA. Leve o aluno a refletir sobre as razões dessa concentração populacional latino-americana em grandes cidades. Cite alguns dados: 40% de toda a população argentina vive no Grande Buenos Aires; metade da população uruguaia mora na capital, Montevidéu; o mesmo ocorre no México; São Paulo e Rio de Janeiro detêm aproximadamente 20% de toda a população brasileira. Pergunte quais seriam as razões desse desequilíbrio, que passam por motivos históricos de ocupação, pela concentração fundiária e até pela falta de planejamento econômico. Ressalte o fato de que nem sempre a urbanização intensa é sinônimo de desenvolvimento econômico e social sustentável.

**QUESTÃO 3**  
Localize na foto a África e analise a concentração urbana nesse continente.

Após localizar a África, espera-se que o aluno perceba uma concentração urbana nos extremos norte e sul do continente. Lembre aos estudantes de que os países do norte e costeiros da África têm alcançado crescimento econômico em virtude da exploração de petróleo, como é o caso do Egito, da Líbia (norte) e da Nigéria (costa oeste). Lembre também que a cidade do Cairo, no Egito, está entre as 15 maiores do mundo, com aproximada-

mente 12 milhões de habitantes (informação constante no alto da pág. 39 do Guia). A África do Sul, no extremo oposto do continente, exporta minérios e conta com grandes regiões metropolitanas, como Johannesburgo e Cidade do Cabo.

**QUESTÃO 4**  
Localize a China e analise a concentração urbana naquele país.

Após localizar a China, o aluno deverá distinguir uma notável diferença entre as regiões leste e oeste daquele país. Destaque inicialmente que esse fato se explica pelo predomínio de grandes altitudes (Himalaia) e desertos (planalto do Sinkiang e Mongólia interior) no oeste, enquanto no leste predominam terrenos planos entrecortados por rios (planícies do Hoang Ho, do Yang Tsé Kiang e Sikiang). No leste, as maiores concentrações populacionais encontram-se nas duas maiores cidades chinesas, Pequim, a capital, e Xangai, e nas cidades onde se localizam as zonas econômicas especiais (ZEE's). Tal concentração deve-se a fatores históricos, geopolíticos e econômicos. O intercâmbio com o Japão e com o Ocidente (a partir do século XVI) fez com que as cidades portuárias crescessem e se dinamizassem. Além dos problemas naturais, vale destacar que as fronteiras norte e oeste da China sempre representaram um perigo para a segurança do país, dadas as invasões mongóis e as guerras com a Rússia, o que também dificultou o crescimento dessas áreas.

Mais recentemente, a costa leste chinesa experimentou um surto de crescimento industrial e comercial com as reformas liberalizantes instituídas pelo governo de Deng Xiaoping e seus sucessores, desde 1980. A autorização para que investimentos privados estrangeiros se instalassem em áreas específicas da costa leste criou um ciclo de contínua ascensão econômica com adensamento populacional. Lembre aos alunos que hoje Xangai está entre as 10 maiores cidades do mundo, com mais de 14 milhões

Urbanização por região do mundo (em 2015 (em %))



71% da população mundial mora em áreas urbanas, conforme a Índia, China, Indonésia e Bangladesh (2007).

DOSSIE Urbanização



**Primeiro milênio**  
No primeiro milênio, a predominância da vida rural faz crescer a quantidade de vilas e aldeias, surgindo muitas cidades da Antiguidade Clássica. Na Europa, a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., abre o período da Alta Idade Média, com o declínio da economia no campo e o domínio dos senhores feudais. O desenvolvimento de mais técnicas de agricultura, a produção de alimentos, a mudança da fome e a acrescentação da população. Assim, vilas e aldeias transformam-se em cidades. Desse período, destaca-se a importância da Roma, sede do Império Romano do Ocidente, e de Constantinopla (atual Istambul) e atual Bizâncio, no Oriente. Essa última foi sede do Império Romano do Oriente (ou Império Bizantino).

**Megalópole Global**  
Maior cidade do mundo há décadas, a capital de Japão, Tóquio, abriga 37 milhões de pessoas e estende-se por mais de 100 quilômetros de comprimento, com pelo menos 4,5 mil anos de história.

ambas na Mesopotâmia (onde hoje fica o Iraque); Cartago, Tiro e Sidão (na margem do Mar Mediterrâneo, cidades fundadas pelos fenícios); e Atenas (das gregas). Entretanto, a atual capital do Japão, e considerada a maior cidade single-hub habitada do mundo, com pelo menos 4,5 mil anos de história.

A influência das grandes cidades na história pode ser vista na linguagem e cultura que nos legaram, como o primeiro colégio civil conhecido (Colégio de Hamurabi, Babilônia), as obras de literatura na filosofia (como *A República*, de Platão, Atenas) ou as escrituras greco-romanas, criadas e conservadas em sua maioria nos limites das cidades.

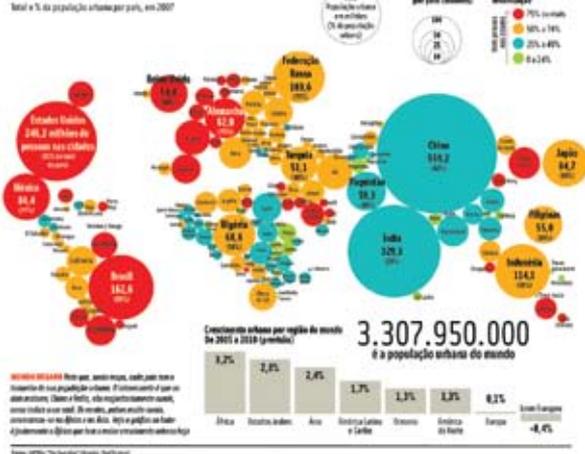
Diferentes crises levaram grandes cidades a estagnar, atingir ou mesmo desaparecer desde os tempos da Antiguidade:

- A decisão de transferir o centro de um Estado para outro local.
- A destruição, escravização e produção permanente de recursos por um povo invasor.
- O colapso das antigas economias de produção que deixam insatisfeitos a vida na cidade.
- Catástrofes naturais, como terremotos, erupções vulcânicas, inundações e doenças epidêmicas.
- Cidades que perderam importância comercial pela criação de novas rotas de comércio terrestres ou marítimas. Algumas cidades portuárias, por exemplo, foram abandonadas quando os barcos dependiam de ventos e correntes marítimas fixas, perdendo a importância ao mudar com o desenvolvimento de novas técnicas de construção de barcos e de navegação.

uma grande poder por mais de mil anos. Após sua queda pelos turcos otomanos, em 1453, tornou-se a sede do Império Otomano no século XX.

**Segundo milênio**  
A explosão populacional em cidades na Europa. Aí se levaram crescimento de linhas, do regime de construção das águas, e a propagação do crescimento para mais rápida, pois há grande quantidade de populações em condições insalubres. No entanto, ainda não se sabia que camadas sociais eram transmitidas. No século XVI, as cidades sofrem com a epidemia de Peste Negra, provavelmente uma epidemia de peste bubônica ou de peste pneumônica, ou ambas conjugadas. Sempre houve epidemias, mas nunca comparadas a essa. Ela espalhou-se por toda a Ásia, África e a Europa e eliminou milhões de pessoas. Cidades seguem

A URBANIZAÇÃO DOS PAÍSES E A POPULAÇÃO NAS CIDADES



seguem mudando até metade da população das áreas afetadas na Europa.

Doise milênio, devem também ser destacadas na América, a queda da população em cidades e a queda da população em cidades. Na Ásia, no século XVII, os japoneses transferem a sede do governo de Kyoto para a cidade de Edo (atual Tóquio), iniciando o processo que transformaria a cidade no maior megacidade mundial de hoje.

**Implicações**  
A urbanização, tal como ocorre atualmente, é um fenômeno contemporâneo cujo cerne se encontra na Revolução Industrial na Europa (a partir do século XVIII, nos Estados Unidos e no Japão). A industrialização cria empregos diretos nos setores urbanos, em construções, comércio e serviços.

No entanto, o desenvolvimento da indústria levou muito tempo e levou a uma urbanização lenta, que permitiu maior planejamento no crescimento das cidades, seja

no projeto de áreas residenciais, seja na construção de redes de água e esgoto, de eletricidade, de metrô e sistemas de linhas de trem e metrô, além de serviços públicos como escolas, hospitais etc.

Mas, nos atuais países em desenvolvimento, a industrialização ocorreu de forma mais acelerada e ocorreu após a II Guerra Mundial, como é o caso do Brasil, e provocou maior urbanização com menos planejamento.

As maiores crises já sentidas em áreas urbanizadas, com pelo menos 70% da população morando em cidades. Mas nos países em

de habitantes (informação está no alto da pág. 39 do Guia). Assim como o país, a região oeste chinesa continua predominantemente rural.

ETAPA 2 | Aula dialogada

Solicite aos alunos que releiam a tabela da margem superior das páginas 36-37 do Guia, em que constam os percentuais de urbanização de cada continente. A partir dessa retomada, proponha as seguintes questões para discussão coletiva.

QUESTÃO 5  
Que relação podemos estabelecer entre crescimento econômico, desenvolvimento social e urbanização?

Espera-se que haja problematização desses conceitos e se desfaça a associação automática entre crescimento, desenvolvimento e urbanização. Verifica-se que a América Latina tem percentual de população urbana absoluta maior que o da Europa, mas nem por isso o continente latino-americano pode ser considerado mais desenvolvido que o europeu. Devem-se diferenciar aqui os conceitos de crescimento econômico e desenvolvimento. Nas últimas décadas, a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto de países ditos emergentes é de fato maior que a de países ditos "de Primeiro Mundo", até porque estes têm uma economia mais consolidada. Mas o simples fato de haver mais gente morando em cidades não significou, necessariamente, melhoria de condições de vida para as populações marginalizadas latino-americanas. O fenômeno da favelização nas grandes metrópoles latinas é prova disso.

É importante ressaltar também que, apesar do dinamismo e do intenso crescimento econômico que a Índia e a China vêm experimentando desde os anos 1970, há ainda 60% da população do continente asiático residindo em áreas rurais, principalmente na China. Isso ocorre em meio ao cresci-

mento acelerado das periferias de grandes metrópoles e megalópoles, com condições precárias de habitação. Das 15 maiores cidades do mundo, oito estão na Ásia (veja o infográfico no alto da pág. 39).

QUESTÃO 6  
Qual é o conceito de urbanização a que podemos chegar, com base na leitura do texto?

Aqui se faz necessária a releitura de trecho na página 38 (conceitos e critérios). Lá encontramos duas definições do fenômeno analisado. Uma, a da demografia, e outra, de arquitetos e urbanistas. Deve-se perceber que esta última contém uma "promessa" da vida nas cidades: o acesso a bens públicos e serviços básicos como transporte e saneamento, o que representaria melhorias nas condições de vida dos habitantes das cidades diante das dos moradores do campo. Discuta com os alunos qual tipo de processo de urbanização vivem países como o Brasil. O aluno deverá concluir que o processo de urbanização no Brasil e em países menos desenvolvidos tem sido predominantemente do aspecto demográfico, ou seja, aumento no número de habitantes das cidades, sem que os serviços básicos ou a infraestrutura urbana tenham progredido na mesma proporção.

ETAPA 3 | Debate coletivo

A partir da análise do gráfico (colunas) e do mapa das páginas 38 e 39, proponha a discussão das tendências da urbanização no século XXI. Em seguida, solicite aos alunos que sintetizem os principais problemas urbanos da atualidade.

Como tendências da urbanização, alguns dados podem auxiliar o debate:

- Noventa e cinco por cento do crescimento demográfico



# A QUESTÃO IRANIANA

## REFERÊNCIA NO GUIA

"Abalo na República Islâmica", págs. 70–73

## COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

- Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.
- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.
- Analisar situações representativas da ordem mundial contemporânea e do papel exercido pelas potências hegemônicas na manutenção do sistema mundial vigente.
- Identificar as principais características dos sistemas de governo e seus papéis na estruturação e organização da sociedade.

NÚMERO DE AULAS PREVISTAS: 2

## SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

### ETAPA 1 | Aula expositiva e dialogada

O objetivo dessa primeira aula será caracterizar as peculiaridades do sistema político iraniano, distinguindo-o da organização dos Estados ocidentais na modernidade. As questões a seguir devem ser respondidas durante a aula, com a mediação do professor, dialogando com os alunos.

#### QUESTÃO 1

O que caracteriza o "Estado moderno", nos moldes ocidentais?

Deve-se lembrar que as origens do Estado ocidental moderno remontam ao Iluminismo e à Revolução Francesa. Ele se assenta em alguns princípios que podem ser sintetizados nos itens abaixo:

- 1) Igualdade de todos perante a lei, independentemente de origem social, crença religiosa, etnia, sexo etc.
- 2) O Estado é laico, ou seja, não obedece a normas ou autoridades de qualquer religião nem costuma interferir em assuntos religiosos.
- 3) O Estado representa a sociedade, e só exerce o poder político de acordo com o consentimento da população, que se manifesta por meio de eleições livres, em que diferentes correntes de pensamento político disputam a preferência popular.
- 4) O cidadão tem direitos e garantias inalienáveis, por exemplo, a liberdade de pensamento e expressão.

#### QUESTÃO 2

De acordo com o que foi lido no texto "Abalo na República Islâmica", reflita sobre os quatro itens que compõem a resposta anterior e

responda: como a organização política iraniana se diferencia da organização dos Estados ocidentais?

Podemos problematizar cada um dos quatro itens anteriores.

- 1) Na sociedade iraniana, clérigos islâmicos têm privilégios legais. Esses privilégios assentam-se em sua autoridade religiosa e moral e dão a eles acesso a instrumentos de poder que outros cidadãos não têm. Podemos citar ainda a situação das mulheres na República Islâmica, que sofrem duras restrições comportamentais e são impedidas de exercer várias atividades. Daí o conceito de igualdade ser estranho ao regime instaurado pela Revolução Islâmica.
- 2) Evidentemente, religião e Estado estão estreitamente vinculados no Irã. O islamismo é a religião oficial. Não há liberdade de crença. A lei civil não pode contrariar as leis do Islã. O líder máximo do país é o chefe religioso da nação.
- 3) O sistema político iraniano prevê eleições periódicas para alguns cargos, como presidente, governantes regionais e municipais, legisladores federais e locais. Os representantes eleitos, porém, exercem apenas parcialmente o poder. Como lemos no *Guia*, lideranças religiosas exercem funções de governo sem passar pelas urnas. Essas lideranças dão a palavra final sobre as principais questões de Estado. Além disso, todo candidato a cargos eletivos deve ter o nome aprovado pelo Conselho de Guardiões, o que impede a participação de qualquer candidato de oposição ao regime.
- 4) O Estado iraniano não reconhece vários direitos de cidadania comuns no Ocidente, a começar pela livre expressão de ideias. Os meios de comunicação sofrem rigorosa censura, e o uso da internet é fortemente restringido pelo governo.

# ABALO NA REPÚBLICA ISLÂMICA

Annúncio da reeleição do presidente Ahmadinejad é contestado por acusações de fraude e provoca manifestações de protesto com milhares de pessoas, reprimidas pelo regime dos aiatolás

**M**ilhares de manifestantes tomaram as ruas de Teerã, a capital do Irã, em gigantescas manifestações de protesto. Nas eleições presidenciais do junho de 2009, muitos iranianos acreditavam na vitória do candidato opositor Mir Hossein Mousavi e do atual presidente Mahmoud Ahmadinejad, que concorreu à reeleição. No entanto, tinham a certeza de que a disputa iria para o segundo turno.

A expectativa era como base de apoio de Mousavi e do atual presidente Mahmoud Ahmadinejad, que concorreu à reeleição. No entanto, tinham a certeza de que a disputa iria para o segundo turno.

Um anúncio prometeu uma expansão de novas. Manifestantes insatisfeitos passaram a enfrentar as forças de segurança para expressar sua protesto e acusar o regime de fraude e resultado. A repressão foi violenta: mais de 100 mortos e milhares feridos.

O líder religioso supremo, o aiatolá Ali Khamenei, que tem o poder de fato no Irã, mandou os seus a dizer que as eleições foram justas. Após alguns dias, a situação aparentemente se estabilizou. É possível avaliar porém, que o regime teocrático que vigora no país há 37 anos, não contém de sua história, sofreu um sério abalo.

## Radicalismo e moderados

O confronto entre posições diferentes no interior do regime, que sempre existiu, ficou mais explícito durante o governo de Ahmadinejad. O presidente representa a ala radical, também chamada pela imprensa ocidental de conservadora. É comum que se opte de maneira mais enfática a retórica das grandes potências ocidentais no regime, em todos os terrenos – militar, político, econômico e cultural. O atual governo representa a ala moderada, também chamada pela imprensa ocidental de conservadora. É comum que se opte de maneira mais enfática a retórica das grandes potências ocidentais no regime, em todos os terrenos – militar, político, econômico e cultural.

## Programa nuclear

O Irã é um dos países-chave do Oriente Médio. A partir da Revolução Islâmica, em 1979, a nação afirmou-se de forma independente dos Estados Unidos (EUA) e tornou-se fonte de preocupação para todos os países ocidentais, que tem grandes interesses econômicos e políticos na região. Há fortes suspeitas de que o Irã desenvolva um programa atômico secreto sob o manto da Organização Internacional de Energia Atômica, afirmando que desenvolverá pesquisas nesse campo com fins pacíficos, para produzir energia elétrica.



O regime iraniano posiciona-se frontalmente contra Israel, a que está a despeito de setores palestinos e árabes. Mantém relações tensas com a Síria – outro país considerado hostil pelos EUA – e com o Irã há uma década. Há uma grande preocupação com o desenvolvimento do programa nuclear. Além disso, é acusado de dar apoio a grupos fundamentalistas islâmicos, como o Hezbollá e o palestino Hamas. O ex-presidente norte-americano George W. Bush havia condenado o Irã como um dos integrantes do “eixo do mal” – nações que favoreciam o terrorismo internacional.

As manifestações passaram um segundo plano até a principal situação feita nos últimos anos no Irã: a disputa pela produção de armas nucleares. As potências ocidentais, com os EUA à frente, estão convencidas de que o Irã desenvolve um programa atômico secreto sob o manto da Organização Internacional de Energia Atômica, afirmando que desenvolverá pesquisas nesse campo com fins pacíficos, para produzir energia elétrica.

**Herdeiro das perdas**  
Vinte e dois dias depois da eleição, o Irã tem origem diferente. Seus antepassados são os perdas, que se estabeleceram em um período de grande prosperidade na Antiquidade. A partir de 642 d.C., com a conquista árabe, a região adotou a religião islâmica, e os perdas mantiveram sua singularidade, com idioma e cultura próprios. Até 1925, o país ainda se chamava Pérsia. A grande maioria da população segue o islamismo, principalmente a vertente sunita da maioria (os aiatolá e os líderes religiosos são dos principais ramos do islamismo).

**Desafios à ordem**  
Milhares de pessoas participaram do protesto em Teerã, em 11 de junho, após as eleições presidenciais. Em 1981, o Irã sofreu um golpe de Estado derrubando o último xá da dinastia Pahlavi, colocando no poder o general Reza Pahlavi, que se tornou xá em 1925, com o nome de Reza Sháh Pahlavi. Em 1981, o Irã sofreu um golpe de Estado derrubando o último xá da dinastia Pahlavi, colocando no poder o general Reza Pahlavi, que se tornou xá em 1925, com o nome de Reza Sháh Pahlavi.

Adotou o regime o sistema de teocracia islâmica, em 1979, de nacionalizar as companhias petrolíferas estrangeiras além de um confronto entre o petróleo e o xá, que saiu do Irã. Nessa situação de crise, o governo dos EUA, com apoio britânico, passou a promover o governo revolucionário de Mousavi, até que um golpe organizado pela CIA – o principal inimigo foi deposto. Com o aval dos EUA, Pahlavi retornou e assumiu o comando do país com poderes ditatoriais.

## ETAPA 2 | Análise e interpretação de mapa, gráfico e texto

Pretende-se que o aluno reconheça e problematize a inserção do Irã entre as nações e o papel geopolítico que desempenha. Propõe-se a seguir as seguintes questões para resposta escrita, individual ou em duplas, com consulta do texto **“Abalo na República Islâmica”**.

### QUESTÃO 3 Como o Irã era governado antes do regime dos aiatolás?

O Irã era uma monarquia constitucional comandada pelo xá Reza Pahlavi. Lembre que o monarca era um aliado do Ocidente e seu pai e antecessor foi guindado ao governo do país por um golpe de Estado apoiado pela Grã-Bretanha (conforme se lê na pág. 71). Contextualize um pouco mais o que foi essa concentração de poder nas mãos do xá: ele se opôs a um governo de caráter nacionalista, derrubou, com o apoio dos EUA, o governo constitucional e adotou poderes ditatoriais. Tratava-se, portanto, de um governo pró-Ocidente, apoiado pelos EUA e pela Europa.

### QUESTÃO 4 Como surgiu a República Islâmica?

O regime ocidentalizante do xá foi derrubado por uma revolução com caráter religioso, que afastou o Irã do Ocidente e rompeu os estreitos laços de cooperação com os EUA. A República Islâmica opõe-se radicalmente aos interesses norte-americanos na região.

### QUESTÃO 5 Com base na leitura do texto “Abalo na República Islâmica”, sintetize os principais pontos de conflito entre o Irã e o mundo ocidental. Espera-se que os alunos destaquem:



- A questão dos direitos humanos: os países ocidentais acusam o Irã de perseguir dissidentes, desrespeitando as prerrogativas de cidadania contidas na Declaração dos Direitos Humanos da ONU.
- Forte oposição do Irã à existência do Estado de Israel.
- Condenação à ocupação do Iraque e do Afeganistão por tropas norte-americanas.
- Apoio do Irã a organizações radicais ou paramilitares islâmicas, como o Hamas (que atua na Faixa de Gaza e prega a luta armada entre israelenses e palestinos) e o Hezbollá (que atua no Líbano).
- A questão nuclear: o Irã mantém um programa de desenvolvimento de tecnologia nuclear que visa, em princípio, a gerar energia. Os EUA alegam que esse programa esconde a intenção de fabricar bombas atômicas.

### QUESTÃO 6 Responda à questão 2 do Simulado.

# A QUESTÃO NUCLEAR

## REFERÊNCIA NO GUIA

"O fantasma da bomba", págs. 74-77

## COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

- Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- Comparar diferentes pontos de vista, presentes em textos analíticos e interpretativos, sobre situação ou fato(s) de natureza histórico-geográfica acerca das instituições sociais, políticas e econômicas.
- Avaliar criticamente conflitos culturais, sociais, políticos, econômicos ou ambientais ao longo da história.
- Identificar conflitos político-culturais pós-Guerra Fria, reorganização política internacional e os organismos multilaterais nos séculos XX e XXI.
- Analisar, criticamente, as justificativas ideológicas apresentadas pelas grandes potências para interferir nas várias regiões do planeta (sistemas modernos de colonização, imperialismo, conflitos atuais).

NÚMERO DE AULAS PREVISTAS: 4

## SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

### ETAPA 1 | Aula expositiva e leitura dirigida

Para discutir os testes atômicos e a escalada do poder militar da Coreia do Norte, é necessário retomar com os alunos duas questões prévias importantes: o uso da energia atômica para fins militares, a partir do fim da II Guerra Mundial, e a Guerra Fria, para contextualizar o surgimento de dois países na península coreana.

Inicie a discussão relendo o primeiro parágrafo do trecho intitulado "Tratado nuclear", na página 75.

Comente com os alunos a extensão do potencial destrutivo dos artefatos nucleares e a maneira como seu desenvolvimento pode significar poder para os países que detêm essa tecnologia. Dessa maneira, eles poderão compreender melhor o próprio conceito de Guerra Fria: a disputa ideológica e política entre duas superpotências – EUA e URSS –, que, apoiadas em seus sistemas econômicos – capitalismo e socialismo –, promoviam a ameaça de uma guerra nuclear latente, jamais realizada. Ressalte que, durante o período conhecido como Guerra Fria, entre 1947 e 1989, os Estados Unidos e a União Soviética desenvolveram um imenso arsenal nuclear, que funcionava como elemento de dissuasão, ou seja, um não atacava o outro, por temer a represália. Recorde que a Guerra Fria foi o contexto de divisão da península coreana em dois países: a Coreia do Sul, capitalista, e a do Norte, socialista. A Guerra da Coreia está destacada no seguinte trecho (pág. 76):

**INTERNACIONAL** **Questão nuclear**

**TESTES NUCLEARES REALIZADOS NO MUNDO ATÉ JUNHO DE 2009**

País	Último teste	Total								
Estados Unidos	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Coreia do Sul	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Coreia do Norte	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da França	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da China	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Índia	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Paquistão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Irã	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do México	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País do Japão	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	1952	2.054
País da Rússia	1952									

# O FANTASMA DA BOMBA

Quase 20 anos após o fim da Guerra Fria, o mundo ainda vive sob a ameaça de um conflito envolvendo armamentos atômicos, como mostra a crise com a Coreia do Norte

**N**a madrugada de 25 de maio de 2009, 29 estações atômicas ao redor do mundo detectaram um tremor de 4,32 graus na escala Richter na Coreia do Norte. Primeiro um pequeno terremoto, depois um maior e, por fim, um terremoto de 5,1 graus. Em um teste nuclear subterrâneo, conforme anunciou logo depois o governo norte-coreano. Foi a segunda explosão atômica subterrânea feita pelo país em três anos e provocou forte reação da comunidade internacional.

Em uma reunião de emergência convocada após o teste, o Conselho de Segurança da ONU condenou por unanimidade a explosão e, imediatamente, passou a discutir uma resolução para condenar os ataques contra o regime e garantir o acesso à energia nuclear apenas como uma alternativa a energia prejudicial. Basta lembrar que a França produz mais



energia elétrica nuclear, fechou-se em 1968 o acordo conhecido como Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP). Atualmente assinado por 185 países, o tratado divide as nações em dois blocos:

- Os cinco países que explodiram uma bomba atômica antes de 1º de janeiro de 1967: EUA, Federação Russa, China, Reino Unido e França (que também são os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU). Eles possuem plena liberdade de tecnologia nuclear - inclusive para fins militares - e são liberados para ampliar-la, desde que não repassam sua tecnologia bélica para outros.
- Os demais países (os não-nucleares), que podem pesquisar e desenvolver a energia atômica para fins pacíficos, sujeitando-se às inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica.

No decorrer dos anos, outros três países capacitaram-se para produzir armas nucleares - Israel, Índia e Paquistão - e não aderiram ao tratado. Índia e Paquistão são considerados Estados "nucleares de fato".

**O NÚCLEO NOROCCIDENTAL**  
Desde os anos 1980, Israel, Índia e Paquistão têm desenvolvido programas de pesquisa nuclear. A Coreia do Norte abandonou o TNP em 2003.

### Prós e contras

Agraves das potências ocidentais sobre a Coreia do Norte expõe a tensão nuclear permanente sob a qual o mundo vive, quase duas décadas depois do fim da Guerra Fria. O problema envolve a crise dos mísseis, a possível fuga de urânio enriquecido, o teste nuclear, a Índia e o Paquistão, ambos detentores de armamentos atômicos, mantêm suas disparas de fronteiras há mais de 50 anos. O Irã é outro foco de tensão, pois, apesar de o governo iraniano reconhecer a intenção pacífica de seu programa nuclear, o Ocidente teme que o desenvolvimento de um teste tenha como finalidade desenvolver a bomba atômica. Ao mesmo tempo, tudo indica que, também no Oriente Médio, Israel tenha armamentos atômicos. E as preocupações são elevadas, porque é possível que parte do velho arsenal da União Soviética tenha caído em mãos ignoradas após a desintegração da URSS. Quanto às

potências atômicas, com mais de 40 anos do Tratado de Não-Proliferação Nuclear, o desarmamento ainda não andou. Diferentemente do que muita gente pensa, o desafio sobre a energia de fusão não é o estímulo de poder destrutivo, pode também ter muitos efeitos benéficos para o ser humano. Entre eles citam-se a medicina, a produção de alimentos e as aplicações ambientais como áreas que aguardam a realização de testes importantes. Além disso, num mundo em que a produção de energia está baseada na queima de combustíveis fósseis, com sua emissão de gases poluentes (veja na pág. 165), a produção de eletricidade com energia nuclear aparece como uma alternativa a energia prejudicial. Basta lembrar que a França produz mais



de 70% de sua energia elétrica em usinas atômicas. Não se pode esquecer, porém, o perigo de contaminação das águas em caso de acidente - aconteceu Three Mile Island, nos Estados Unidos, em 1979, e em Chernobyl, na URSS (hoje da atual Ucrânia), em 1986. Nesse último acidente, o maior grave da história, uma nuvem radioativa cobriu boa parte da Europa. Dezenas de milhares de pessoas morreram, milhares ficaram doentes, milhares não têm filhos saudáveis. Quando se libera energia nuclear todo o cuidado é pouco. Até um pequeno equipamento pode virar foco de um desastre. Isso ocorreu no Brasil em 1987 quando um aparelho de radioterapia (para tratamento médico), abandonado de forma irresponsável, foi parar em um ferro-velho em Goiânia (GO). Feito em pedágio, liberou seu material radioativo - o cobalto 60 - matando quatro pessoas e contaminando 425

**Tratado nuclear**  
Não é à toa que, para boa parte da humanidade, a manipulação da força do átomo se identifique com um risco de apocalipse: até mesmo a presença na economia coletiva a colossais destruições causadas pela bomba atômica nas cidades japonesas de Hiroshima, em 6 de agosto de 1945, e Nagasaki, três dias depois, em que morreram no total 129 mil pessoas de imediato, e muitas outras nos anos seguintes. Isso ocorreu no fim da Guerra Mundial.  
Com o desenvolvimento da bomba atômica pelos soviéticos, a corrida nuclear tornou-se um dos elementos centrais do período da Guerra Fria, de 1945 a 1991 (veja na pág. 66). Passaram-se três anos atômicos, além dos EUA e da URSS, os governos do Reino Unido, França e China. Entretanto, nesse ponto, quando sucedeu a multiplica-

ção dos estados nucleares, fechou-se em 1968 o acordo conhecido como Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP). Atualmente assinado por 185 países, o tratado divide as nações em dois blocos:

● Os cinco países que explodiram uma bomba atômica antes de 1º de janeiro de 1967: EUA, Federação Russa, China, Reino Unido e França (que também são os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU). Eles possuem plena liberdade de tecnologia nuclear - inclusive para fins militares - e são liberados para ampliar-la, desde que não repassam sua tecnologia bélica para outros.

● Os demais países (os não-nucleares), que podem pesquisar e desenvolver a energia atômica para fins pacíficos, sujeitando-se às inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica.

No decorrer dos anos, outros três países capacitaram-se para produzir armas nucleares - Israel, Índia e Paquistão - e não aderiram ao tratado. Índia e Paquistão são considerados Estados "nucleares de fato".

**O NÚCLEO NOROCCIDENTAL**  
Desde os anos 1980, Israel, Índia e Paquistão têm desenvolvido programas de pesquisa nuclear. A Coreia do Norte abandonou o TNP em 2003.

Esperanto logo, outro tratado, negociado em 1996, tenta proibir todas as explosões nucleares. O Tratado de Proibição Total de Testes Nucleares (CTBT), porém, não pode entrar em vigor antes de ser ratificado pelos 44 países que participaram das negociações e são: força nuclear ou ramos de pesquisa. Entre os que não assinaram acordo, estão Estados Unidos e China.

**Coreia do Norte**  
A protagonista do atual crise, a Coreia do Norte, vive há seis décadas em um regime comunista fechado, numa ditadura de partido único, enfrentando dificuldades econômicas que afetam o país na superfície. O jogo de pressão com o poderio nuclear se desvenda faz alguns anos e parece uma forma de arrancar ajuda econômica e fortalecer garantias de segurança.

## ETAPA 2 | Discussão coletiva

### QUESTÃO 1

Analise o **mapa da página 74** e proponha para discussão a seguinte questão: há algo que os países detentores de armas nucleares tenham em comum?

Espera-se que o aluno distinga pelo menos dois grupos de países:

- 1) Potências cujo poder político e militar está consolidado, que desenvolveram suas armas nucleares antes do Tratado de Não Proliferação de Armas Atômicas (TNP), de 1968. São eles EUA, Grã-Bretanha, França, Rússia e China. Lembre que esses países são os membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, órgão máximo de decisão política e militar daquela instituição.
- 2) Países que desenvolveram mais recentemente armas nucleares: Israel (que não reconhece o fato oficialmente), Índia, Paquistão e Coreia do Norte. Percebe-se que essas nações não são grandes potências políticas, econômicas nem militares. Excetuando-se Israel, todas surgiram com o processo de descolonização da Ásia, quando as potências europeias (e, no caso da Coreia, o império japonês) desocuparam antigas colônias, dando origem a novos Estados nacionais. É importante ressaltar que todos os países deste segundo grupo estão envolvidos em conflitos regionais: Israel e palestinos, estes apoiados pelos países árabes em seu entorno; Índia e Paquistão, rivais desde o processo de independência da Grã-Bretanha, em 1947, que ainda disputam territórios fronteiriços; e Coreia do Norte, rival de sua vizinha Coreia do Sul.

### O CLUBE ATÔMICO



**PARA POUCOS** As cinco potências atômicas, signatárias do Tratado de Não-Proliferação Nuclear, são países vencedores da II Guerra Mundial. Coreia do Norte, Paquistão e Índia assumem terem bombas. Israel nunca confirmou oficialmente, mas especialistas e autoridades, como o ex-presidente Jimmy Carter, estimam que o país tenha 150 ogivas nucleares  
Fonte: Almanaque Abril

### QUESTÃO 2

Com base na caracterização anterior, proponha a seguinte pergunta: por que países com problemas socioeconômicos graves, como Paquistão e Coreia do Norte, investem recursos financeiros no desenvolvimento de armas nucleares?

Espera-se que o aluno indique a questão dos conflitos regionais que esses países protagonizam. Deve-se ressaltar, no entanto, a importância também política da aquisição da bomba atômica para tais nações. Os líderes políticos capitalizam apoio popular com a divulgação do aumento do poder do país, mobilizando as massas diante de potencial ameaça do exterior. Além disso, devemos lembrar o conceito de dissuasão, trabalhado em aula anterior: nem sempre a posse de artefatos bélicos nucleares conduz a seu uso. Os países detentores da tecnologia de armas nucleares ou das armas propriamente ditas ainda podem negociar vantagens estratégicas com outras nações.

**QUESTÃO 3**

Proponha a leitura da tabela ("Testes nucleares realizados até junho de 2009") e do destaque ("Saiu na imprensa") da página 76 e pergunte: quais são os países detentores do maior poder nuclear no mundo atual?

País	Estados Unidos	União Soviética	Reino Unido	França	China	Índia	Paquistão	Coreia do Norte	Total
Total de testes	1.032	715	45	210	45	3	2	2	2.054
Data do primeiro teste	16/7/1945	29/8/1949	3/10/1952	13/2/1960	16/10/1964	18/5/1974	28/5/1998	9/10/2006	
Data do último teste	23/9/1992	24/10/1990	26/11/1991	17/1/1996	29/7/1996	13/5/1998	30/5/1998	25/5/2009	

**PANORAMA OFICIAL.** Este quadro traz os números conhecidos, mas pode haver testes sem divulgação, por exemplo, de Israel. Observe que os países, à exceção da Coreia do Norte, pararam de fazer testes nucleares na década de 1990. O primeiro teste dos EUA ocorreu menos de um mês antes do lançamento das bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945.

Fuente: ICFRI

**Saiu na imprensa****EUA E RÚSSIA DISCUTEM NOVO PACTO PARA REDUÇÃO DE ARSENAL NUCLEAR**

De Londres

Os presidentes dos EUA, Barack Obama, e da Rússia, Dmitri Medvedev, concordaram ontem em negociar um novo acordo para redução do arsenal nuclear dos dois países. Em um comunicado conjunto divulgado em Londres (...), eles disseram ter dado sinal verde para seus negociadores e esperam resultados em julho, quando o presidente americano visitará Moscou. Fontes americanas e russas citadas pelo jornal *The New York Times* estimam que a redução pode chegar a um terço do arsenal de cada um.

O novo acordo substituirá o Tratado de Redução de Armas Estratégicas (Start-1, na sigla em inglês), assinado em 1991,

que expira em dezembro. Atualmente, os EUA têm 2,2 mil mísseis nucleares estratégicos, e a Rússia, 2,8 mil.

Segundo o último acordo bilateral relevante, o Tratado sobre Reduções Estratégicas Ofensivas (Sort, na sigla em inglês), de 2002, Rússia e EUA deveriam manter um limite de ogivas entre 1,7 mil e 2,2 mil. A expectativa é de que o novo tratado supere as reduções previstas no Sort.

(...) O anúncio das negociações, a primeira grande discussão estratégica entre russos e americanos desde 1997, marca a reaproximação entre Kremlin e Casa Branca. Durante o governo de George W. Bush, a relação entre os dois países entrou em crise em razão da insistência dos EUA em instalar um escudo antimísil no Leste Europeu (...).

O Estado de S. Paulo, 2/4/2009

**Grupo A** – Membros permanentes do Conselho de Segurança: EUA, Rússia, França, Grã-Bretanha e China.

**Grupo B** – Os países envolvidos no conflito: Coreia do Norte e Coreia do Sul.

O professor pode assumir o papel de presidente do conselho, ou seja, mediador da discussão.

- Defina com os estudantes quais os objetivos terá o país que ele está representando ao discutir a questão norte-coreana; que interesses e problemas estão em jogo para aquela nação que o grupo vai representar. É importante que os alunos entendam que "seu" país estará tão mais bem representado quanto melhor for a capacidade de argumentação do grupo, expressando suas posições de forma clara e objetiva.
- Preparação para o debate. Essa etapa exige tempo, uma vez que os alunos deverão pesquisar o tema, ler e analisar textos presentes no livro didático e selecionar argumentos para se posicionar.
- Deixe claro aos estudantes que a situação demanda formalidade por parte dos debatedores, ou seja, escolha adequada de vocabulário, uso de linguagem formal, clareza e coerência de raciocínio.

Dependendo do grau de dificuldade dos alunos em aderir à tarefa proposta, conduza os grupos a reconhecer possíveis argumentos relativos à questão discutida. Os EUA, por exemplo, certamente apontarão a existência de um tratado de não proliferação de armas nucleares rompido pela Coreia do Norte, além do passado de agressão diante da Coreia do Sul. A Coreia do Norte, por seu turno, poderá afirmar o princípio de soberania nacional e seu direito a defender-se da intervenção ou invasão de seu território por nações estrangeiras. É válido lembrar aos alunos que a China é aliada da Coreia do Norte (ambos são países comunistas, e a China mantém intenções hegemônicas na região).

**ETAPA 4 | Avaliação final sobre o tema: a reunião do Conselho de Segurança simulada**

O professor apresentará a questão a ser discutida, fazendo um resumo sucinto dela. A partir daí, passará a palavra à Coreia do Norte, para que esta faça sua defesa, e então para os demais membros do conselho. Cabe ao professor definir pessoalmente, ou com a classe, os limites de tempo para cada país fazer sua apresentação.

Deve-se lembrar aos debatedores que eles podem solicitar a palavra como aparte ao membro do conselho que estiver usando a palavra naquele momento. Se alguma nação se sentir atingida, ela poderá pedir réplica, ou seja, um tempo para contra-argumentar.

Os países ainda poderão levantar questionamentos uns aos outros, numa etapa exclusivamente destinada a perguntas. Em seguida, o professor porá em votação a proposta de sanção comercial à Coreia do Norte. Cada país deverá dizer "sim" (se a favor da punição) ou "não" (se contrário a ela).

Ao final, avalie a importância da atividade proposta, pondo em evidência o debate como instrumento democrático de exercício da cidadania e meio civilizado de discutir e encaminhar questões políticas e sociais relevantes para a comunidade.

Espera-se que o aluno identifique EUA e Rússia, as duas potências líderes do período da Guerra Fria, como os países com o maior poder nuclear. Destaque para os alunos que os EUA não assinaram o tratado de proibição total das armas nucleares, de 1996, conforme mencionado na página 77, o que indica que ainda têm intenção de realizar mais testes e possivelmente desenvolver outras armas.

**ETAPA 3 | Simulação de reunião do Conselho de Segurança da ONU**

As duas aulas anteriores servem de base para a atividade que se propõe a seguir: simular uma reunião do Conselho de Segurança da ONU, em que grupos de alunos representarão as nações presentes naquele órgão e discutirão a situação dos testes nucleares da Coreia do Norte. Após a discussão, os países presentes votarão se devem ou não impor sanções (punições) comerciais ao regime norte-coreano.

Deve-se lembrar o papel das Nações Unidas no pós-guerra, como árbitro e autoridade legítima para a resolução de conflitos entre os países-membros, e a função de seu Conselho de Segurança, órgão executivo que dispõe sobre questões militares e conflitos bélicos.

É necessário, principalmente, esclarecer aos alunos o que é um debate regrado, evento do qual irão participar. Organize a atividade com base nas etapas a seguir.

- Divida a classe e designe um país para cada grupo. Nesse caso, os países poderiam ser:

# EUA E AMÉRICA LATINA

## REFERÊNCIA NO GUIA

"Olho no olho", págs. 78-83

## COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

- ➔ Analisar situações representativas da ordem mundial contemporânea e do papel exercido pelas potências hegemônicas na manutenção do sistema mundial vigente.
- ➔ Identificar os processos de integração regional na ordem mundial contemporânea, apontando o papel dos órgãos multilaterais na integração latino-americana.
- ➔ Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.

NÚMERO DE AULAS PREVISTAS: 2

## SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

### ETAPA 1 | Resgate de conceitos históricos

Num primeiro momento, o objetivo será recordar a história das relações entre os Estados Unidos e os países latino-americanos desde o século XIX, de modo a aprofundar a reflexão sobre essas relações no momento atual.

#### 1. A DOCTRINA MONROE

Recorde com os alunos o papel da Doutrina Monroe no processo de independência das colônias espanholas e portuguesas na América Latina. Trata-se do primeiro momento na história em que os EUA reivindicaram a liderança do continente americano, invocando o direito de intervir caso alguma nação do continente fosse ameaçada.

Os seguintes trechos da mensagem do presidente norte-americano James Monroe ao Congresso, enviada em 1823, são bastante esclarecedores das intenções dos EUA:

"...quanto aos governos que proclamaram e têm mantido sua independência que reconhecemos, depois de séria reflexão e por motivos justos, não poderíamos considerar senão como manifestação de sentimentos hostis contra os Estados Unidos qualquer intervenção de alguma potência europeia com o propósito de oprimi-los ou de contrariar, de qualquer modo, os seus destinos. (...) É impossível que as potências aliadas estendam seu sistema político a qualquer parte dos continentes americanos, sem pôr em perigo a nossa paz e segurança, nem se pode supor que nossos irmãos do Sul o adotassem de livre vontade, caso os abandonássemos a sua própria sorte. Ser-nos-ia, igualmente,

impossível permanecer espectadores indiferentes dessa intervenção, sob qualquer forma que tivesse."

Fonte: Biblioteca virtual de direitos humanos da USP (<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antiores-à-criação-da-Sociedade-das-Nações-até-1919/doutrina-monroe-1823.html>)

#### 2. A DOCTRINA DO BIG STICK E O COROLÁRIO ROOSEVELT

Revise com os alunos os conceitos intervencionistas do corolário Roosevelt e da política do *Big Stick*. Primeiro, defina corolário (uma afirmação que decorre de outra) e lembre que o Corolário Roosevelt foi proposto como uma complementação da Doutrina Monroe. A seguir, discuta com os alunos a afirmação:

"Os Estados Unidos, ainda que relutantemente, em caso flagrante de desordem ou total impotência, exercerão o poder internacional de polícia."

Assim, o presidente norte-americano Theodore Roosevelt definiu, em 1904, o papel dos EUA no continente americano: o policial que reprime a desordem.

O corolário Roosevelt foi a manifestação mais explícita das intenções intervencionistas e mesmo imperialistas dos EUA na América Latina.

Pouco antes de assumir a Presidência dos EUA, Theodore Roosevelt resumiu o princípio que a diplomacia norte-americana deveria adotar no continente: "Fale com suavidade, mas mantenha em suas mãos um grande porrete". Daí vem o termo *big stick* (grande porrete, em inglês), que marcou profundamente a história das relações entre EUA e os países vizinhos ao sul do continente americano.

# OLHO NO OLHO

A estratégia de diálogo de Barack Obama trabalha a favor das relações diplomáticas no continente latino-americano. Mas, no comércio, pouco muda

Por **Dennis O'Rourke**

**A** chegada de Barack Obama para a Presidência dos Estados Unidos (EUA) criou muitas expectativas na América Latina. Considerado mais flexível que seu antecessor, o novo líder sabia se pôr como uma experiência de diálogo entre latinos e norte-americanos. De fato, depois de oito anos de tensão de fundo entre governos socialistas da América Latina e ex-presidentes George W. Bush – que promovia uma política hard-line em seus vizinhos – todos têm se mostrado mais dispostos a negociar uma reaproximação. A tendência do novo líder em abrir diálogo com antigos adversários está sendo chamada de *Diplomacia Obama*.

## Cuba

O exemplo mais emblemático dessa política é Cuba, com quem os EUA tiveram relações diplomáticas há quase meio século, quando a ilha se tornou um aliado do regime comunista da União Soviética (URSS). Em abril deste ano, os portos para uma nova fase nessa relação foram abertos. Representantes norte-americanos e cubanos se encontraram no mesmo mês para negociar uma aproximação. Em outra data recente, em Havana, participaram o presidente Raúl Castro e o irmão dele, o ex-governador Fidel Castro.



Dias depois, Obama anunciou medidas humanitárias. Ofereceu a suspensão total das multas/leis de viagem de cubanos-americanos à ilha antes, cubanos que moram nos EUA, até podem ir à ilha a cada três anos, com permissão máxima de 90 dias. Também não há mais limite para os remessas de dólares a Cuba, antes havia a 2-milha-dólares. Outras medidas foram a liberação de envio de telefones-celulares, computadores e antenas de televisão à ilha, além da autorização para empresas norte-americanas de telecomunicação operarem em Cuba.

Em maio, outro passo na direção de uma reconciliação. Os EUA prepararam a Havana a retomada da negociação sobre a imigração de cubanos para o país.

assunto que havia sido deixado de lado no governo Bush. O ponto central é um acordo dos anos 1990 que buscava evitar o fluxo de refugiados cubanos aos EUA. Estrada-se, ainda, o estabelecimento de uma comissão entre os dois países.

Em contrapartida, Obama declarou que um governo cubano de boa vontade, como a liberação de presos políticos (estima-se que haja 300 prisioneiros do regime comunista preso no ilha). Raúl Castro respondeu dizendo estar disposto a conversar sobre tudo com o norte-americanos, incluindo assuntos políticos como direitos humanos e liberdade de imprensa. Entretanto, Fidel Castro – ainda muito influente nas decisões do governo – pensa no filho Obama

que a ilha do irmão foi mal interpretada e que Cuba não está disposta a negociar a liberação da diáspora.

Outro fato pode contribuir para o início de novas relações entre EUA e Cuba a suspensão de multas que existia a ilha da Organização dos Estados Americanos (OEA), em junho. Cuba foi retirada da entidade por pressão do governo norte-americano em 1962, após a Crise dos Mísseis – na ocasião, o governo comunista do URSS acusou território cubano como base para posicionar mísseis na direção dos EUA. A decisão pela expulsão de Cuba no OEA é considerada histórica. Mas, até o momento, o governo cubano diz que não pretende reentrar no organismo.

## Relações econômicas

As tentativas de reaproximação entre EUA e Cuba encontram resistência na política doméstica norte-americana, principalmente entre os legisladores cubanos que moram no país. Numerosos e influentes, a comunidade cubano-americana é composta de pessoas que fugiram da ilha e chegaram aos EUA na condição de refugiados. Esse grupo é contrário a qualquer concessão ao regime cubano, porque acredita que o país não pode ser ajudado antes que termine o regime comunista vigente no país. Calcula-se que cerca de 1,3 milhão de norte-americanos tenham parentes em Cuba.

Além disso, se medidas norte-americanas não foram concretizadas, parte do que realmente interessa o governo cubano, o bloqueio econômico e comercial imposto há quase 50 anos, que limita os trocas bilaterais. Cuba é uma ilha pobre e com poucos recursos naturais, por isso a dependência das importações é grande – inclusive itens de primeira necessidade, como comida e remédios. Para fazer qualquer concessão, o governo cubano exige a suspensão desses embargos. Por

seus lados, os EUA querem, antes, que Havana promova medidas de abertura democrática. A ilha vive uma situação de portado fechada, sempre crítica de liberdade e propriedades dos governos.

**DIPLOMACIA**  
 Diante a realidade, antes, que a ilha promova medidas de abertura democrática. A ilha vive uma situação de portado fechada, sempre crítica de liberdade e propriedades dos governos.

## Norte-americanos disputam vendas a Cuba

Apesar das relações complicadas, os EUA relaxaram algumas restrições comerciais contra a ilha nos últimos anos. Em política comercial, os Estados Unidos são aliados de muitos exportadores norte-americanos. Estados com grande potencial agrícola já preparam estratégias para entrar, ou até mesmo aumentar sua participação, no mercado cubano, negociando com a possível suspensão de embargo econômico.

Um exemplo é a Virgínia, que se tornou o sexto estado norte-americano em volume

de negócios com Cuba. Fazendeiros da região se beneficiaram do relaxamento do bloqueio, aumentando as exportações para lá de 1 milhão de dólares para 40 milhões de dólares em menos de cinco anos. Entre os produtos vendidos estão soja, milho e carne de porco. Outro estado é Maryland, que vem aumentando o número de fazendas na ilha, no ano passado, com contratos no valor de 12 milhões de dólares em exportações de soja aos cubanos.

A partir do início do século XX, o enunciado do corolário Roosevelt afirmava que os Estados Unidos não aceitariam intervenções de potências estrangeiras em suas áreas de interesse. Se alguma nação tivesse algum interesse contrariado por um país latino-americano, deveria, antes de adotar qualquer medida de força ou de retaliação econômica, consultar os EUA e solicitar sua arbitragem. Se algum país latino, por outro lado, não demonstrasse “bom comportamento”, comprometendo interesses de empresas norte-americanas na região, ou mesmo resvalasse numa guerra civil que implicasse a devastação de propriedades de cidadãos norte-americanos, o governo dos EUA não pensaria duas vezes antes de enviar a “Grande Esquadra Branca”, como Roosevelt apelidara a Marinha, para impor a lei e a ordem pública.

### 3. O PERÍODO DA GUERRA FRIA E A ATUAÇÃO DA CIA

É importante ressaltar que, no período da Guerra Fria, os EUA intervieram na política interna dos países latino-americanos a fim de impedir que governos socialistas se instalassem no continente. Sua ação nem sempre foi direta; muitas vezes, o governo norte-americano deu apoio logístico e operacional a forças aliadas por meio da Agência Central de Inteligência (CIA), organismo de inteligência subordinado diretamente ao presidente.

Na América Latina, o golpe de Estado que derrubou o governo nacionalista de Jacobo Arbenz na Guatemala, em 1954, foi o melhor exemplo desse tipo de ação. O então presidente Arbenz nacionalizou a propriedade da terra e estatizou empresas, com a intenção de promover o que

chamava de um desenvolvimento econômico autônomo e independente. Com isso, atingiu interesses de empresas norte-americanas que atuavam no setor agrícola, notadamente a American Fruit Company. O termo “república de bananas”, usado para caracterizar pequenos países da América Central, fragilizados e dependentes dos EUA, nasceu da defesa dos interesses de companhias como a American Fruit. Arbenz sofreu todo tipo de pressão dos Estados Unidos, até que foi articulado o golpe de Estado, que recebeu apoio ostensivo dos EUA.

Deve-se recordar também a frustrada tentativa de invasão de Cuba, em abril de 1961, além da atuação do governo norte-americano no suporte aos golpes militares que instalaram ditadura militar no Brasil (com a deposição de João Goulart, em 1964), no Chile (com a deposição de Salvador Allende, em 1973) e na Argentina (com a deposição de Isabel Perón, em 1976).

### ETAPA 2 | Avaliação sobre o tema: produção de texto e teste de questões

Solicite aos alunos uma síntese, por escrito, dos conflitos atuais entre EUA e países latino-americanos, relacionando-os ao histórico das relações entre EUA e América Latina. O objetivo da atividade é justamente estabelecer relações entre o momento presente da América Latina e suas relações com o governo estadunidense e seu passado conflituoso. Depois, sugerimos pedir a resolução das seguintes questões do Simuladão: 12, 13, 36, 40

# ÁFRICA

## REFERÊNCIA NO GUIA

"África, riqueza e tragédia", págs. 96-105

## COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

- Reconhecer as formas históricas das sociedades como resultado das relações de poder entre as nações (expansão europeia, colonialismo e imperialismo).
- Ordenar os eventos históricos, relacionando-os a fatores econômicos, políticos e sociais.
- Analisar as desigualdades relativas ao conhecimento técnico e tecnológico produzido pelas diversas sociedades em diferentes circunstâncias histórico-geográficas.
- Comparar informações apresentadas em gráficos e mapas sobre as condições de vida na África e em outras regiões do mundo como meio de visualização de diferenças regionais.
- Analisar as características da nova ordem mundial, considerando blocos econômicos, relações norte-sul e as de caráter étnico-religiosas como formas para descrever a regionalização do espaço mundial.
- Analisar as diferentes formas de regionalização da África, considerando aspectos de ordem física, cultural e econômica.

NÚMERO DE AULAS PREVISTAS: 4

## SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

### ETAPA 1 | Aula dialogada e projeto de investigação

Para incentivar os estudantes a compreender a África, utilizaremos o futebol para despertar seu interesse, mesmo porque o texto cita a realização da **Copa do Mundo de 2010 na África do Sul (págs. 104-105)**.

Pode-se iniciar o trabalho escrevendo na lousa os seguintes nomes:

Zinedine Zidane, Patrick Vieira, Claude Makelele, Marcel Desailly, Karim Benzema.

A seguir, questione os alunos a respeito das personalidades citadas. Espera-se que alguns estudantes identifiquem os nomes de jogadores de futebol da seleção francesa e de grandes clubes da Europa. Depois, pergunte o que esses jogadores têm em comum, além da nacionalidade francesa. É esperado que alguns dos alunos saibam que eles são descendentes de imigrantes africanos, ou mesmo nascidos no continente:

Zinedine Zidane, descendente de argelinos.  
Claude Makelele, nascido no Zaire, atual República Democrática do Congo.  
Karim Benzema, descendente de argelinos.  
Patrick Vieira, nascido no Senegal.  
Marcel Desailly, nascido em Gana.



Pode-se, em seguida, perguntar por que os jogadores foram residir na França e adotaram – ou puderam adotar – a nacionalidade francesa. A partir dessa questão, é possível iniciar uma investigação sobre o processo de colonização da África no século XIX, uma das raízes dos problemas enfrentados hoje pelo continente. Explícite o fato de que os jogadores de futebol citados têm origem familiar em antigas colônias europeias, e a família deles migrou para a Europa em busca, muitas vezes, de oportunidades de vida que lhe foram negadas em sua terra natal, em razão dos problemas enfrentados lá – fome, guerras civis, ausência de desenvolvimento.

Peça aos alunos que leiam em sala de aula os dois parágrafos iniciais do trecho **“Tensão no continente”** (pág. 101) e o **destaque com mapas “Destrinchando”** (pág. 102). Solicite a eles uma síntese escrita sobre o neocolonialismo do século XIX na África: que interesses o motivaram e que consequências ele deixou. As fontes dessa atividade podem ser o próprio *Guia* e os livros didáticos de História e Geografia.

**ETAPA 2 | Aula dialogada I**

O propósito desta aula será estabelecer relações entre o passado colonial e a situação atual da África. Para tanto, proponha aos estudantes as questões abaixo.

**QUESTÃO 1**

Os interesses dos países que colonizaram a África no século XIX são semelhantes ou diferentes dos interesses dos países que hoje buscam realizar negócios com as nações africanas?

Espera-se que os alunos percebam alguns pontos em comum nos dois processos. Tanto as potências imperialistas do século XIX e XX quanto países como China, Índia e EUA buscam garantir o acesso a fontes de energia e matérias-primas abundantes em território africano, notadamente recursos minerais e petróleo. Em ambos os processos, esses bens extrativos são importantes para a produção industrial dos países mais desenvolvidos.

**QUESTÃO 2**

O que diferencia a abordagem dos países que hoje mantêm relações comerciais com a África daqueles do processo de colonização?

Espera-se que os alunos compreendam que hoje não está mais em questão a dominação política e territorial, mas sim a construção de relações comerciais que passam por financiamentos e investimentos diretos, como os que os chineses estão fazendo em Angola, a fim de garantir a compra de petróleo e gás produzidos naquele país. Ressalte-se que a Petrobras e construtoras como a Odebrecht, companhias brasileiras, também atuam em Angola.

**QUESTÃO 3**

Os europeus no século XIX afirmavam que era preciso colonizar a África para civilizar esse continente, que, na visão deles, seria uma terra “bárbara” e “selvagem”. Haveria, portanto, razões “humanitárias” para a dominação que lá se estabeleceu. Como se dão, hoje, as intervenções humanitárias na África?

Deve-se ressaltar, em primeiro lugar, o caráter eurocêntrico e superado da visão dos antigos colonizadores sobre os povos africanos. Atualmente, muitas intervenções de caráter humanitário são patrocinadas por países e entidades ocidentais, mas sob a supervisão da ONU e da própria União Africana de Nações. Muitas organizações não governamentais atuam em países africanos levando atendimento médico e gêneros de primeira necessidade a populações atingidas por catástrofes naturais e por guerras civis, especialmente etnias perseguidas que se refugiam em áreas específicas do continente. Em princípio, não há nenhuma intenção explícita de imposição da cultura ocidental sobre as culturas nativas. Bem ao contrário, atualmente tal intenção seria considerada preconceituosa e danosa ao patrimônio cultural dos povos africanos.



**FORÇAS DA ERREN**  
Forças da República Democrática do Congo vigiam estradas no leste do país, onde milhares de habitantes fogem dos conflitos, em 2008

**TENSÃO NO CONTINENTE**

Mesmo com a redução no número de conflitos nos últimos anos, a África está longe de ser pacificada

O desenvolvimento e a estabilização da África dependem muito do sucesso dos conflitos em curso, que ocorrem principalmente em locais de disputa por recursos naturais, como petróleo e minérios. Historicamente, porém, muitos dos atuais governos são como uma de suas causas as fronteiras traçadas há mais de 200 anos pelas potências ocidentais (veja box na pág. 102), resultando em tensões agora exacerbadas nos conflitos pelos recursos naturais. A África e o continente em que a ONU concentra a maior parte de suas tropas de paz, entre as 17 nações em vigília, em 2009, são entre as nações africanas. Em pleno conflito em colaboração para os processos de paz, há poucas nações

colônias no Sudão, na Serra Leoa, na Libéria, na Costa do Marfim, na República Democrática do Congo, na Etiópia e na Etiópia, na República Centro-Africana e no Chade. Em grande parte dos países, a ONU atua com tropas da União Africana (organização que reúne 52 países do continente), que visa a medição, entre outros, de estabelecer a ordem nas regiões afetadas por guerras civis. Atualmente, suas missões incluem em Darfur, na República Democrática do Congo (RDC) e na Somália, onde conta com 4,3 mil soldados (veja na pág. 102). A seguir, confira as principais regiões de conflitos.

**Conflitos na RDC**

Desde 2009, a República Democrática do Congo (RDC) abriga mais de 200 grupos étnicos. A origem do atual conflito remonta a 1994, quando a maioria de pessoas — em sua maioria da etnia hema —, fugida de genocídios desastrosos

ATUALIZADO E REVISADO em 2010

**INTERNACIONAL África**

**Mesmo com a guerra civil oficialmente acabada, a RDC continua com grandes conflitos no leste do país**

Internacional pelo desarmamento de armas leves o governo a buscar negociar com os separatistas. A assinatura do paz com o maior dos grupos não ocorreu a conflito. Em março de 2009, o Tribunal Penal Internacional, em Haia, enviou uma comissão de peritos para investigar o tráfico de armas e um membro do governo sudanês, condenado a prisão o presidente do Sudão, Omar al-Bashir, por crimes de guerra. Em março de 2009, o Conselho de Segurança da ONU decidiu encerrar sua cooperação com o tribunal. Alguns países africanos encerraram o diálogo com o governo sudanês e decidiram apoiar o movimento de resistência na subordinação dos países.

**Costa do Marfim**  
O país tem maioria indígena no norte, região pobre, e criou no sul, mais desenvolvido. A tensão entre os dois grupos foi acirrada em 2002, com uma crise econômica provocada pela queda dos preços do cacau, o principal produto nacional de exportação. O conflito se estendeu e os rebeldes desistiram a maioria norte da Costa do Marfim. Em 2007, foi assinado um acordo para a formação de um governo

e de um comando militar compartilhado entre o governo e os rebeldes, e foram marcados eleições presidenciais. Elas ainda não ocorreram por um acidente para 2008 e, depois, para este ano.

**Nigéria**  
Nação mais populosa do continente, também vive uma situação interna instável. Além do divórcio entre muçulmanos (no norte) e cristãos (no sul) mais de 200 grupos étnicos, como Igbo e iorubá diferentes. As tensões explodiram em 1999, quando alguns Estados sequestraram a Aburja, região ligada ao Estado do Borno sagrado do Islã.

Nos locais onde a presença cristã era mais forte, houve protestos e choques nos ruas. Mais de 30 mil pessoas morreram desde 2009. Em 2007, os eleições presidenciais e parlamentares provocaram uma nova onda de violência, que resultou em mais centenas de milhares de mortos. Os conflitos se mantiveram em 2008, assim como as ações de subgrupos de atividades econômicas praticadas na Costa do rio Niger, de onde se extraem minérios, por diversos grupos rebeldes.



**Darfur, Sudão**  
Um grave conflito teve início em 2003 no oeste do Sudão, quando um movimento se ligou à maioria negra de agricultores realocados pelas armadas, acusando o poder central de discriminação. O governo reagiu com violência, apoiado pelo milícia Janjaweed — milícia integrada ao exército, durante árduos —, que realizou massacres contra os agricultores (despejos étnicos). Os choques já causaram mais de 400 mil mortos e fizeram 2 milhões de refugiados, dos quais cerca de 200 mil fugiram para o vizinho Chade. Tropas da União Africana e da ONU foram deslocadas para a região. A pressão

de origem da atual situação da África remonta à época da colonização europeia, do século XVI ao XX, que marcou o continente com o surgimento e o fortalecimento de populações nativas. As potências coloniais exploraram as riquezas naturais e escravizaram milhares de pessoas. Ao definir a partilha do território entre as potências europeias, a Conferência de Berlim (1884-1885) criou fronteiras artificiais, sem levar em conta os territórios das tribos e das etnias nativas. Isso acabou levando a atender às estratégias das potências europeias, ignorando-se as aspirações das populações nativas. Desprezando a diversidade de culturas e não evitando conflitos entre tribos rivais, as novas fronteiras colocaram a África em uma situação de constante tensão — mesmo após os processos de independência —, provocada por guerras civis, golpes de Estado e conflitos étnicos e religiosos.

Aproveite para enfatizar o trágico legado cultural dos ocidentais na África: o fato de terem repartido seu território e consolidado fronteiras absolutamente artificiais, que separaram grupos étnicos e uniram sob o mesmo território povos rivais, como mostram os mapas do destaque na página 102. Essa é uma fonte permanente de conflitos naquele continente.

### ETAPA 3 | Aula expositiva e dialogada II

O objetivo deste momento de reflexão será questionar as causas e possibilidades de superação de alguns impasses que cercam a África na atualidade.

#### QUESTÃO 4

Releia os dois parágrafos do alto da página 99 ao lado da foto, que tem início em “O difícil, porém, é fazer (...)” até “(...) seja lucrativa para os países africanos”, e responda: como seria possível a África melhorar sua inserção comercial no mundo?



As vezes, como no Quênia, em 2006, os choques étnicos estopim por disputas políticas e candidato de oposição derrotados elegeram a Presidente, Raila Odinga, acusado de fraude e presidente Mwai Kibaki. Foi a fúria para a generalização de uma violência de caráter tribal que dilaciona o país por semanas, ao fim das quais os dois candidatos chegaram a um acordo para compartilhar o governo.

**China, Índia e EUA**

Posto o comércio incluído em relação à economia globalizada, a África apresenta, desde o início da última década, um crescimento médio anual de 4,5% a 5,5% do PIB. Com o forte expansão da economia da China e Índia, na Ásia, que passaram a importar muita matéria-prima, foram direcionadas a diversos países africanos grandes investimentos, em especial nos setores de energia, minérios e transporte. As duas nações iniciaram o comércio com os dois países foram intensificadas, e as vendas para China e Índia, que em 2000 representaram um 14% das exportações africanas, alcançaram 27% em 2006, praticamente igualando o comércio com

o União Europeia e os Estados Unidos. Para a Nigéria, o maior produtor de petróleo africano, o governo chinês já ajuda financeiramente e técnica a setores estratégicos de energia e de telecomunicações. Em Angola, financiou a reconstrução do país após 27 anos de guerra civil, encerrada em 2002. O Saúdio, que começou a exportar petróleo há três anos, vende a maior parte de sua produção aos chineses e, em 2005, teve um crescimento estimado de 11,2%.

Por causa de interesses estratégicos, os norte-americanos vêm desenvolvendo uma ofensiva comercial, diplomática e militar para manter sua influência na África. Por um lado, procuram garantir o acesso às fontes de energia por outro, assegurar as vias de transporte que permitem o escoamento das matérias-primas. Os EUA precisam da manganeza (para a produção de aço), cobalto e urânio (para as físi- atômicas) e a Aeronáutica, para, antídoto, óleo, alimentos industriais. Além disso, o continente pode se tornar a segunda maior fonte de petróleo dos Estados Unidos, sendo do Oriente Médio. Atualmente, os EUA importam 16% do petróleo que consomem da região. Até 2015, esse número pode au-

mentar para 27%. Em todo esse processo, Barack Obama, primeiro presidente dos EUA afrodescendente (era pai negro no Quênia), esteve em julho em Gana, para uma visita à África Subsaariana meses depois de tomar posse.

O difícil, porém, é fazer com que o aumento dos negócios com os EUA, a China e a Índia se reflita na melhoria geral do nível de vida da população africana. Uma questão central para que isso ocorra permanece inalterada: as condições desiguais do comércio internacional que impedem os africanos de colocar seus produtos com lucro no mercado mundial. Segundo o OMC, na África (baseado em dados de 1980), hoje exportam 119 bilhões de dólares e mais no ano – no seja, cinco vezes mais do que em 1980, ano de guerra civil, encerrada em 2002, e a produção nacional de algodão e a produção nacional de algodão é limitada a menos de 15 milhões de toneladas por ano.

**Minérios e petróleo**

As reservas naturais tornam a África um objeto de desejo, um mercado atrativo para países dependentes de matérias-primas, como a China e os Estados Unidos. Muitos do colômbio-Inglaterra e os Estados Unidos, a União Europeia, França e Alemanha desenvolvem investimentos em superexploração global que derruba as cotizações e impede que a atividade seja lucrativa para os africanos.

As reservas naturais tornam a África um objeto de desejo, um mercado atrativo para países dependentes de matérias-primas, como a China e os Estados Unidos. Muitos do colômbio-Inglaterra e os Estados Unidos, a União Europeia, França e Alemanha desenvolvem investimentos em superexploração global que derruba as cotizações e impede que a atividade seja lucrativa para os africanos.

Quando muitos produtores tradicionais desse combustível gerariam o fim de suas reservas em um futuro não muito distante, países desenvolvidos voltaram-se para o território africano, onde estão

REVISTA DO PROFESSOR ATUALIDADES 99

industrializados, como EUA e alguns europeus, dão subsídios a seus produtores, alegando que estes representam uma atividade tradicional e mantêm vínculos comunitários importantes para suas sociedades. Se os governos dos países desenvolvidos não oferecessem recursos em condições especiais a seus produtores rurais nem impusessem altos impostos para os produtos agrícolas importados, os agricultores dos países em desenvolvimento certamente conquistariam partes significativas do mercado interno das nações ricas. As nações em desenvolvimento, em virtude de condições naturais propícias, podem realizar as atividades agropecuárias a custo menor e produzir em maior quantidade. Elas apontam a injustiça de não poderem concorrer em pé de igualdade nos mercados desenvolvidos e alegam que essa é uma barreira a seu desenvolvimento. Lembrar que a África é grande produtora de café (Costa do Marfim), cacau (Gana) e algodão (Egito, Tanzânia).

Após esse debate, procure retomar o conceito de divisão internacional do trabalho para aprofundar a discussão sobre desenvolvimento econômico. Lembre aos alunos que a divisão internacional do trabalho estabelece a função de cada país ou região no sistema produtivo mundial. A seguir, questione:

#### QUESTÃO 5

Qual o papel da África na divisão internacional do trabalho?

Espera-se que os alunos reconheçam o papel de fornecedora de commodities, ou seja, recursos minerais extrativos e produtos agrícolas. Para fundamentar mais essa resposta, solicite aos alunos que observem o mapa “África Subsaariana: conflitos e riquezas”, na página 98, e localizem as jazidas de ouro, diamante, cobre, ferro e manganês no continente.

#### QUESTÃO 6

Uma tonelada de manganês era vendida a aproximadamente 1.500 dólares (cotação internacional de junho de 2009, cerca de 2.740 reais pelo câmbio em agosto). Por um valor semelhante, ou até menor, é possível adquirir um computador de última geração. Que diferenças apontam esses dados no que se refere às relações comerciais dos países africanos com o resto do mundo?

Por se dedicarem apenas ao extrativismo e à produção agrícola, os países africanos vendem ao resto do mundo produtos de baixo valor agregado e importam bens tecnológicos (máquinas e equipamentos) de alto valor agregado. Aproveite a oportunidade para refletir sobre o papel da educação, da ciência e do conhecimento na economia atual e como a tecnologia se tornou o bem mais valorizado no processo produtivo.

Educação e aquisição de conhecimento seriam elementos-chave para a superação das dificuldades por que passam as nações da África. Mas vários empecilhos existem para o avanço dessas sociedades, como os impasses políticos, as lutas tribais e os conflitos étnicos e religiosos.

### ETAPA 4 | Avaliação sobre o tema

Ao final, como forma de aferir os conhecimentos adquiridos sobre o tema, proponha aos alunos a resolução das seguintes questões do Simuladão: 7, 14, 24, 38. Comente as respostas dadas.

A questão requer a mediação do professor no diálogo com os alunos. É importante ressaltar, como faz o texto, que a concorrência comercial é injusta para os países que têm vantagens comparativas no setor agrícola e que esse fato não prejudica apenas os países africanos, mas também nações da América Latina, inclusive o Brasil. A disputa em torno do livre-comércio dos produtos agrícolas é tema frequente das rodadas de negociação internacional. Países

# BRASIL E G-20

## REFERÊNCIA NO GUIA

"O Brasil e o G-20", págs. 116-121

## COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

- ➔ Identificar os significados histórico-geográficos das relações de poder entre as nações.
- ➔ Analisar a ação dos estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social.
- ➔ Comparar o significado histórico-geográfico das organizações políticas e socioeconômicas em escala local, regional ou mundial.
- ➔ Analisar as características da nova ordem mundial, considerando blocos econômicos, relações norte-sul e as de caráter étnico-religiosas como formas para descrever a regionalização do espaço mundial.
- ➔ Identificar e descrever os principais elementos que configuram o conceito de ordem mundial considerando questões geopolíticas, econômicas e culturais.
- ➔ Analisar situações representativas da ordem mundial contemporânea e do papel exercido pelas potências hegemônicas na manutenção do sistema mundial vigente.

NÚMERO DE AULAS PREVISTAS: 3

## SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM

### ETAPA 1 | Aulas expositiva e dialogada

O objetivo desta sequência didática é discutir o papel dos novos mecanismos de poder mundiais e a participação do Brasil em fóruns como o G-20. Como alternativa para o início do debate, o professor poderá questionar os alunos sobre como eles veem a posição do Brasil no mundo: seria o Brasil uma nação relevante para a discussão dos problemas mundiais? Por quê?

Deverá ser ressaltado, nesse primeiro momento, o destaque do Brasil na América Latina, dada a dimensão de seu território, de sua população e de sua economia.

Para melhor fundamentar e problematizar os conceitos econômicos presentes no texto, as seguintes questões podem ser encaminhadas em sala de aula.

### ETAPA 2 | Análise e interpretação de mapas e textos

#### QUESTÃO 1

**Como é medida a produção econômica de um país?**

O Produto Interno Bruto é a soma de todas as riquezas produzidas por uma região (uma cidade ou um estado), um país ou mesmo um grupo de nações (a América Latina, a União Europeia). Seu cálculo é feito pela soma do valor de todos os bens e serviços produzidos na região escolhida em um período determinado.

A composição do PIB é a seguinte: PIB = consumo privado + investimentos das empresas + gastos do governo + exportações – importações.

O cálculo do resultado de diferentes setores da economia foi construído pelo economista britânico Richard Stone (1913-1991), agraciado com o Prêmio Nobel de Economia em 1984.

#### QUESTÃO 2

**Como os diferentes fatores influenciam o PIB?**

O primeiro fator que determina diretamente a variação do PIB é o consumo da população. Quanto mais as pessoas gastam, mais o PIB cresce. Se as pessoas gastam menos, o PIB cai. O consumo depende da renda pessoal e dos juros. Se as pessoas têm aumento de salário real e os juros das prestações são menores, o consumo é maior, e o PIB cresce. Com salários baixos e juros altos, o gasto pessoal e o PIB caem. Os investimentos das empresas também determinam o PIB. Se as empresas crescem, compram máquinas, expandem suas fábricas e linhas de produção, contratam mais funcionários, elas aumentam a economia. Aqui, os juros altos também inibem o crescimento: os empresários não investem se tiverem de pagar muito pelo capital. Os gastos do governo são outro fator que afeta o PIB. Quando realiza obras públicas ou fornece serviços, como a construção de uma usina hidrelétrica ou a contratação de médicos para trabalhar em hospitais da rede pública, o governo eleva a produção geral da economia, pois compra material de construção e paga mais salários, por exemplo. A diferença entre exportações e importações também influencia o PIB; se o saldo da balança comercial é positivo, entra mais dinheiro no país, que será gasto em investimento e em consumo; se o saldo é negativo, sai dinheiro do país, e os gastos internos tendem a se reduzir.

Fonte: adaptado de UOL Economia (<http://economia.uol.com.br/ultnot/2008/03/12/ult4294u1118.jhtm>)

#### QUESTÃO 3

**O que é renda per capita?**

Para conhecer a renda per capita de uma região, divide-se o PIB pelo número de habitantes da área a ser estudada. Tomemos como exemplo um país X, cujo PIB anual é de 2 bilhões de dólares e tem 1 milhão de habitantes: Renda per capita = (2.000.000.000)/1.000.000 = 2.000 dólares/habitante.

Isso significa que, em um ano, cada cidadão do país X seria responsável em média pela produção de riquezas correspondentes a 2.000 dólares.

#### QUESTÃO 4

Com a leitura dos dados abaixo (que sugerimos ao professor colocar na lousa), discuta a posição econômica relativa do Brasil diante de nações consideradas desenvolvidas. Ressalte aos alunos que esses valores nominais mudam conforme a fonte utilizada, geralmente são convertidos por diferentes cotações do dólar.

POSIÇÃO	PAÍS	PRODUTO INTERNO BRUTO (BILHÕES US\$) (2007)
9º	Brasil	1,838
10º	Itália	1,800
11º	Espanha	1,362

POSIÇÃO	PAÍS	RENDA PER CAPITA (EM US\$ MIL) (2007)
35º	Espanha	33.700
38º	Itália	31.000
95º	Brasil	9.700

Fonte: [www.indexmundi.com](http://www.indexmundi.com)

Os alunos notarão que, apesar de o Brasil aparecer com um PIB superior ao da Itália e ao da Espanha, sua renda per capita é bem menor, o que se reflete na qualidade de vida da população. Discuta com os estudantes as ideias de “país rico” e “país pobre” na comparação dos dados acima.

### ETAPA 3 | Aula dialogada

O propósito desta aula será analisar os objetivos do G-20, bem como questionar a composição desse fórum de países. Para tanto, uma vez feita a leitura, discuta com os alunos as seguintes questões.

#### QUESTÃO 5

O que é o G-20?

Um grupo que reúne os 20 países, industrializados ou em desenvolvimento, cujas economias são as mais representativas do mundo, de todos os continentes. Ele representa 90% do PIB mundial. O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional também participam das discussões.

#### QUESTÃO 6

Por que o G-20 surgiu?

O grupo dos 20 surgiu depois das grandes crises financeiras do fim dos anos 1990, que atingiram particularmente países em desenvolvimento (como as crises cambiais do México, da Argentina, da Rússia e do Brasil). Seu objetivo era reunir periodicamente os ministros da Economia e os presidentes dos bancos centrais dos 20 países economicamente mais relevantes para discutir formas de regulação do mercado financeiro e do comércio globais, a fim de prevenir outras crises.

#### QUESTÃO 7

Quais são as intenções para a criação do G-20?

Promover políticas de prevenção e combate aos crimes financeiros; evitar fluxos desordenados e especulativos de capital; discutir e promover políticas de desenvolvimento sustentado. Vale ressaltar aqui que um fórum como o G-20 é um reflexo da nova economia global, em que os fluxos financeiros são rápidos e instantâneos e todas as economias estão interligadas numa rede de circulação de bens, serviços e capitais. Ou seja, esse grupo é fruto de uma nova necessidade de regulação típica da globalização. Esta é alimentada por novos meios de comunicação eletrônica, como a internet, que possibilita a movimentação do dinheiro em velocidade e escala jamais experimentadas e faz com que as economias estejam em permanente

conexão. Daí a necessidade de ampliar as discussões econômicas, antes centradas no G-7 (reunião dos países industrializados de maior peso econômico), incluindo os países emergentes.

Para maiores informações sobre os documentos oficiais do G-20, o professor e os alunos podem consultar o endereço eletrônico [www.g20.org](http://www.g20.org) (o site está em inglês).

#### QUESTÃO 8

Disponha os dados abaixo na lousa.

POSIÇÃO	PAÍS	PRODUTO INTERNO BRUTO (BILHÕES US\$) (2007)
14º	Coreia do Sul	1,206.0
15º	Irã	852.6
16º	Indonésia	845.6
17º	Austrália	766.8
18º	Taiwan	690.1
19º	Turquia	667.7

Fonte: [www.indexmundi.com](http://www.indexmundi.com)

A seguir, discuta com os estudantes: por que o Irã (15º PIB mundial) e Taiwan ou Formosa (18º PIB mundial) não participam das reuniões do G-20, enquanto participam Indonésia (16º PIB mundial), Austrália (17º PIB mundial) e Turquia (19º PIB mundial)?

É importante informar aos alunos de que a participação nos fóruns internacionais obedece não apenas a critérios econômicos, mas também a uma lógica política.

Deve-se informar a eles também que o G-20 reúne países democráticos e de economia aberta, que não tenham problemas relativos aos direitos humanos, participem do livre-comércio mundial e sejam reconhecidos pelas instituições políticas internacionais, como a ONU. O Irã tem uma economia fechada e é permanentemente questionado quanto ao cumprimento de garantias de liberdade e direitos civis em seu território. Sua participação é vetada por países como os EUA. Já Taiwan – que é uma nação insular e capitalista surgida da separação com a China continental comunista, em 1949 – não é um país reconhecido pela ONU nem mantém relações diplomáticas com a maioria dos países, uma vez que disputa com a China comunista a nacionalidade chinesa. A China considera Taiwan uma “província rebelde”, parte de seu território.

### ETAPA 4 | Avaliação sobre o tema: produção de texto

Solicite aos alunos que sintetizem as informações contidas no Guia no que se refere à participação e aos interesses do Brasil e do Bric (grupo que reúne Brasil, Rússia, Índia e China) no G-20, ressaltando o que diferencia esse grupo de países dos demais.

Para tanto, eles deverão se ater às informações das páginas 120-121 do Guia, a partir do subtítulo “Diversificação de mercados”, inclusive os destaques e as tabelas. Espera-se dos estudantes que percebam que o Brasil e os demais países do Bric têm interesses diferentes daqueles dos países desenvolvidos. Eles negociam relações comerciais mais equitativas: maior participação no mercado de bens industrializados, redução dos subsídios que o mundo desenvolvido dá a seus agricultores e dos impostos e barreiras sanitárias que impõem aos produtos agrícolas importados dos países menos desenvolvidos. Além disso, pleiteiam melhor distribuição das atribuições de poder político em nível global. Destaque-se a reivindicação do Brasil e da Índia de participar, como membros permanentes, do Conselho de Segurança da ONU. Ao final, proponha aos alunos a resolução das seguintes questões do Simulado: 9, 20, 41.